

A EDUCAÇÃO SUPERIOR NA AMÉRICA LATINA
E OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade
ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente
EDUARDO GUIMARÃES

ESDRAS RODRIGUES SILVA – GUITA GRIN DEBERT
JOÃO LUIZ DE CARVALHO PINTO E SILVA – LUIZ CARLOS DIAS
LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO
RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

Simon Schwartzman
(org.)

A EDUCAÇÃO SUPERIOR NA AMÉRICA LATINA
E OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI

EDITORIA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Ed83 *A educação superior na América Latina e os desafios do século XXI* / organizador:
Simon Schwartzman. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

1. Ensino superior – América Latina. I. Schwartzman, Simon, 1939-

ISBN 978-85-268-1228-4

CDD 370

Índice para catálogo sistemático:

1. Ensino superior – América Latina 370

Copyright © by Simon Schwartzman
Copyright © 2014 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

Sumário

Apresentação

Simon Schwartzman..... 7

1. A educação superior e os desafios do século XXI: Uma introdução

Simon Schwartzman..... 15

2. Novos desafios para o ensino superior no século XXI

Jamil Salmi..... 47

3. La idea de universidad: Tendencias y transformación

José Joaquín Brunner R...... 67

4. A difusão de regimes de certificação de qualidade no ensino superior latino-americano

Elizabeth Balbachevsky..... 89

5. Expansión del acceso y mejoría de la equidad en la educación superior: La perspectiva desde los sistemas nacionales

Jorge Balán..... 107

6. Privatização do ensino superior no Brasil: Velhas e novas questões

Helena Sampaio..... 139

7. La movilidad científica de retorno y la internacionalización de las capacidades de investigación en América Latina	
<i>Sylvie Didou Aupetit</i>	193
8. A inovação tecnológica e a “terceira missão” da universidade	
<i>Renato H. L. Pedrosa</i>	219
Os autores	283

Apresentação

Simon Schwartzman

No primeiro semestre de 2013 tive o privilégio de coordenar um curso sobre “Educação superior na América Latina e os desafios do século XXI” da Cátedra Unesco, do Memorial da América Latina em São Paulo, que trouxe vários entre os principais estudiosos da educação superior da região para apresentar e discutir suas ideias e seus conhecimentos com um grupo excepcional de participantes de diferentes instituições e cursos superiores do Brasil e do exterior. Este livro é produto desse curso. Agradeço ao professor Adolpho José Melfi, então diretor do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina do Memorial, pelo convite para dar o curso e pelo incentivo para preparar este livro, e à Editora da Universidade Estadual de Campinas, por tornar estes textos acessíveis para um público mais amplo.

O capítulo inicial, sobre a educação superior e os desafios do século XXI, trata de dois temas correlacionados, que formam o pano de fundo para os capítulos seguintes. O primeiro é o da origem das universidades na Europa no período do Renascimento e sua evolução até os dias de hoje, procurando ressaltar as motivações e os valores que presidiram seu surgimento e que ainda persistem: a valorização do conhecimento, a liberdade de estudo e de pesquisa, a autonomia institucional e a colegialidade, postas a serviço da for-

mação das novas gerações. Essa é também a história do relacionamento – ora harmonioso, ora conflituoso – das universidades com os poderes da Igreja e dos Estados e depois, cada vez mais, com o mundo da economia, que não poderia ser contada em detalhe aqui. As universidades de hoje são muito diferentes das de então, e são somente parte de um universo muito mais amplo que é o da educação superior, que cada vez envolve mais pessoas e mobiliza mais recursos. E, no entanto, os valores e as motivações originais, relativos ao lugar do conhecimento – sua produção, preservação e transmissão – e sua importância, para as pessoas e a sociedade, persistem. Essa parte trata ainda da história peculiar das universidades na América Latina, inspiradas em sua origem nos modelos europeus, que se desenvolveram, sobretudo, como um canal de mobilidade e afirmação social e política de novas gerações (e, nesse sentido, não eram diferentes das de outros países). Isso ocorreu, no entanto, sem que fossem incorporados, da mesma maneira, os valores e as funções de valorização do conhecimento, do estudo e da pesquisa, fazendo com que o movimento estudantil da Reforma Universitária de Córdoba de 1918 ainda não tenha completado seu ciclo na maior parte do continente. O segundo tema trata das universidades como instituições, cujo funcionamento depende, em parte, de valores e orientações dos que vivem em seu interior – professores, estudantes, administradores – e, em parte, das demandas e relações que estabelecem com o ambiente externo, que inclui os governos e o mercado. Esta é uma perspectiva necessária para abrir e entender a “caixa-preta” das universidades, que são mais complexas do que organizações criadas com propósitos e missões claras e simples.

Jamil Salmi, no segundo capítulo, parte do futuro, fala das mudanças tecnológicas que estão revolucionando os modos de produção e transmissão de saber, e das necessidades de formação profissional, científica e tecnológica requeridas pela nova sociedade do conhecimento. Há, em todo o mundo, uma corrida para fazer com

que os sistemas de educação superior sejam capazes de responder a tais demandas, a fim de participar, assim, do novo ciclo de produção e geração de riquezas que está ocorrendo. Em que medida esses novos recursos tecnológicos podem ser usados para melhorar a qualidade, a relevância e a eficiência da educação superior, trazendo assim, para ela, as ferramentas de que necessita para desempenhar bem seus novos papéis? O que países mais bem-sucedidos nessa corrida, como a Coreia do Sul, estão fazendo, e o que devem e podem fazer países como o Brasil?

José Joaquín Brunner, no terceiro capítulo, olha para a educação superior na América Latina em seu conjunto. Constata que ela não somente se massificou, com milhões de pessoas buscando um tipo de formação que antes era reservada para poucos milhares, mas está se universalizando, ou seja, se transformando em uma aspiração de todas as pessoas. Nesse processo, as universidades tradicionais, que funcionavam como ilhas relativamente isoladas, se transformaram profundamente e se viram atropeladas por uma grande variedade de novas instituições públicas e privadas que têm pouco a ver, aparentemente, com os ideais das instituições que, no passado, lhes serviram de modelo. O que resta, neste novo cenário, desses antigos modelos e dos valores que encarnavam? O que Brunner nos mostra é que, enquanto intelectuais e educadores como o cardeal Newman, na Irlanda, Abraham Flexner, nos Estados Unidos, Humboldt, na Alemanha, e Ortega y Gasset, na Espanha, enalteciam as universidades de formação de elites e de pesquisa de alto nível, propugnando sua manutenção e seu fortalecimento, em outras partes do mundo, começando pelos Estados Unidos, o ensino superior crescia e se diferenciava, com as universidades se transformando em *multiversidades*, incorporando novas funções e novas fontes de financiamento, entre as quais as provenientes de uma crescente demanda por serviços educativos do mercado. No mundo atual, a antiga metáfora da academia clássica, simbolizada pela Universidade de Hum-

boldt, na Alemanha, e fruto do surgimento da época moderna e da formação dos Estados nacionais no final do século XVIII e início do século XIX, deve ser substituída por uma nova metáfora: a da universidade ou, mais precisamente, da educação superior pós-moderna, cuja principal característica não seria mais uma identidade própria e um núcleo central de valores, mas uma multiplicidade de demandas, expectativas e formas de funcionamento que transcendem todas as tentativas de enquadrá-la em um modelo único e coerente.

Nas universidades tradicionais, bastavam seus diplomas para assegurar a qualidade profissional e técnica dos formados, e o prestígio e a reputação de seus professores para garantir a qualidade do trabalho intelectual e da pesquisa ali realizados. No ensino superior de massas e pós-moderno descrito por Brunner, isso já não basta, e todos os países, de alguma maneira, procuram estabelecer sistemas de avaliação e certificação do ensino superior, que é o tema do quarto capítulo, de Elizabeth Balbachevsky. Ela nos mostra que os principais países da América Latina, de uma forma ou outra, procuraram adaptar os sistemas de avaliação e certificação de qualidade desenvolvidos em outras partes, requerendo que as instituições passem por processos mais ou menos complexos de certificação, os quais, no entanto, encontram sempre limitações e acabam servindo a diferentes propósitos. Uma dificuldade bastante comum é a resistência das universidades tradicionais, que veem nos sistemas de avaliação externa, nem sempre de maneira infundada, uma ameaça à sua autonomia; outra é a dificuldade que as agências governamentais têm em criar sistemas de certificação que sejam capazes de avaliar efetivamente, e com credibilidade, os milhares de instituições de ensino superior existentes nos diferentes países. Existem questões relativas aos critérios e padrões de avaliação (será que as faculdades voltadas ao ensino podem ser avaliadas segundo os mesmos critérios utilizados para as universidades de pesquisa?) e, também, aos interessados em seus resultados: os governos, que financiam as institui-

ções, as corporações profissionais, interessadas em preservar seus mercados de trabalho, os estudantes e o setor empresarial.

Jorge Balán, no capítulo 5, trata de uma questão central em todos os sistemas de educação superior que se massificam, que é o da inclusão de pessoas e categorias sociais que, historicamente, não tinham acesso ao ensino superior em seus países. À medida que os sistemas de ensino superior crescem de tamanho, cresce também o acesso de pessoas que antes não conseguiam se beneficiar dele. No entanto, esse acesso continua limitado por mecanismos de seleção baseados em provas e avaliações cujos resultados estão fortemente relacionados à condição social e cultural dos candidatos. Exemplo disso são os estudantes de famílias mais pobres, que não tiveram acesso à educação básica de qualidade, ou de minorias linguísticas e culturais, os quais entram nesses processos seletivos em desvantagem e terminam sendo excluídos. Balán analisa experiências de inclusão em diversos países da América Latina, chamando a atenção para as diferentes formas em que ela se apresenta: diferenciação de instituições para atender a públicos distintos; expansão dos sistemas de educação superior público; financiamento privado da educação superior, além de políticas de ação afirmativa baseadas em critérios de raça, etnia e classe social. Ele também buscou evidenciar, em cada caso, os benefícios conseguidos e os problemas que surgem.

Helena Sampaio, no capítulo 6, examina em profundidade o crescimento do ensino superior privado, principalmente o ensino superior com fins lucrativos, que se desenvolveu de forma extraordinária no Brasil nos últimos anos (o setor privado chegou a atingir 75% do total de matrículas, metade das quais em instituições com fins de lucro). Tal expansão se explica, em parte, pelo fato de o Brasil ter adotado, com a reforma universitária de 1968, um modelo de organização universitária que tentou copiar as *research universities* americanas, dando ênfase à pós-graduação, à pesquisa e à organização departamental, com professores doutores contratados em regi-

me de tempo integral. Contudo, tal modelo só deu certo em alguns casos, mas fez com que a educação superior pública se tornasse extremamente cara para os padrões latino-americanos e sem condições de absorver a explosão da demanda por ensino superior que começava justamente nessa época. A alternativa foi liberar a expansão do setor privado, na expectativa ilusória de que ele eventualmente se aproximaria do modelo das universidades públicas. Se, no início, predominavam no setor privado as instituições religiosas e comunitárias, o lugar foi sendo ocupado cada vez mais por instituições com fins de lucro, que se tornaram legais por legislação instituída em 1997. Hoje, existem no Brasil empresas atuando na educação superior com milhões de estudantes, com ações na bolsa adquiridas por fundos de investimento e operando, sobretudo, na área de educação de massas de baixo custo, nas profissões sociais. Se, no passado, havia a norma de que o setor privado não deveria dispor de recursos públicos, em anos mais recentes o governo federal, como parte de sua política de inclusão social, passou a financiar fortemente o setor privado, lucrativo ou não, mediante a isenção de impostos do Prouni e do crédito educativo.

No capítulo 7, Sylvie Didou Aupetit aborda outra dimensão central da educação superior contemporânea, o da internacionalização. Em certo sentido, não é um tema novo: há décadas que o tema da “fuga de cérebros” de países em desenvolvimento para os mais ricos é objeto de preocupação, com os Estados Unidos, sobretudo, atraindo centenas de milhares de profissionais formados, muitas vezes, com recursos públicos de seus países, que deixam de se beneficiar dos investimentos feitos em sua educação. Vários países, entre os quais México e Brasil, têm desenvolvido programas para estimular o retorno desses profissionais, com diferentes graus de sucesso. Mas a internacionalização tem também outros aspectos, muitos dos quais positivos, como a vinda de professores e pesquisadores da Europa e dos Estados Unidos, as competências trazidas

pelos que retornam a seus países de origem e passam e enriquecer suas instituições e a criação de redes internacionais de cooperação, que atravessam as fronteiras entre países e regiões. Hoje se fala muito em “circulação de cérebros”, no lugar de fuga, para sinalizar os aspectos positivos da internacionalização. Mas, como adverte a autora, não basta trocar uma expressão por outra. É necessário entender em maior profundidade os reais problemas e os possíveis benefícios desse processo de internacionalização e globalização que é, em última análise, inevitável.

No capítulo 8, finalmente, Renato Pedrosa trata do tema da pesquisa universitária da perspectiva da sua “terceira missão”, que é a da inovação tecnológica. Embora a pesquisa universitária esteja, em todo o mundo, concentrada em um número pequeno de instituições (contrariando o axioma, atribuído à Universidade de Humboldt, da “indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão”), ela tende a se organizar de maneira bastante tradicional nessas instituições. Dividida em departamentos constituídos conforme as classificações clássicas das áreas de conhecimento (biologia, física, matemática, sociologia, línguas etc.), grande parte do trabalho é feita de forma individual por professores e, em grande medida também, por alunos de pós-graduação, em suas teses de doutoramento. O principal objetivo da pesquisa é a divulgação dos resultados na literatura especializada, cujas publicações são utilizadas para avaliar e premiar o trabalho dos professores e pesquisadores e de seus departamentos. Ao lado dessa forma de trabalho, denominada de “modo 1”, existe, entretanto, outra maneira de desenvolver a pesquisa dentro e fora das universidades, denominada de “modo 2”, a “terceira missão” ou o “quadrante de Pasteur”¹. Mais interdisciplinar, com mais trabalho de equipe e voltada para resultados práticos, nela

¹ Etkowitz, 2008; Gibbons *et al.*, 1994; Stokes, 1997.

são estabelecidas parcerias com setores empresariais e governamentais interessados em seus resultados, gerando inovação sem deixar de produzir conhecimentos de interesse científico de fronteira. Em sua contribuição, Pedrosa mostra como a ciência brasileira avançou ao longo dos anos, assim como suas características atuais: por um lado, um amplo sistema de pesquisa acadêmica e pós-graduação, o mais desenvolvido da América Latina, mas, por outro, ainda uma grande dificuldade de se desincumbir de forma mais adequada de sua terceira missão.

No Brasil, as questões relativas ao ensino superior tendem a ser vistas muito localmente. Acabamos não nos dando conta de que, embora cada experiência seja única, na verdade, fazemos parte de uma realidade muito mais ampla, que precisamos entender e conhecer melhor, também para que possamos aprender com os erros e acertos de outras partes. Esperamos que este livro sirva de janela para esse mundo mais amplo.

Referências bibliográficas

- ETZKOWITZ, Henry. *The triple helix: University-industry-government innovation in action*. New York, London, Routledge, 2008.
- GIBBONS, Michael *et al.* *The new production of knowledge: The dynamics of science and research in contemporary societies*. London/California, Thousand Oaks/Sage Publications, 1994.
- STOKES, Donald E. *Pasteur's quadrant basic science and technological innovation*. Washington, Brookings Institution Press, 1997.

1 | A educação superior e os desafios do século XXI: Uma introdução

Simon Schwartzman

A educação superior tem crescido dramaticamente em todo o mundo desde a Segunda Guerra Mundial. Em 1900, havia 500 mil estudantes de nível superior em todo o mundo; no ano 2000, havia 100 milhões¹; em 2011, 190 milhões, de acordo com o Instituto de Estatística da Unesco. Na América Latina, como mostra Brunner em sua contribuição para este livro, o número de estudantes de nível superior passou de apenas 1,9 milhão em 1970 para 8,4 milhões em 1990 e cerca de 25 milhões em 2011. No Brasil, eram 425 mil em 1970, 1 milhão 540 mil em 1990, e hoje são cerca de 7 milhões. Existem várias explicações para esse crescimento, entre as quais: (a) a expansão do mercado de trabalho bem remunerado para pessoas mais qualificadas, tanto nas áreas tecnológicas quanto nas de serviços; (b) a valorização dos diplomas de nível superior, que dão acesso a essas posições de maior renda e maior prestígio, e (c) a ampliação da juventude, uma vez que, no passado, ela terminava quando, por volta dos 20 anos, as pessoas completavam seus estudos, se casavam e entravam logo no mercado de trabalho; já hoje chega aos 30 anos ou mais. Atualmente, a educação superior é parte da vida de um número crescente de pessoas, consome vultosos recursos

¹ Schofer & Meyer, 2005.

públicos e privados, e sua ampliação e sua consolidação são vistas como essenciais para que os países possam desenvolver economias ricas, produtivas e com equidade social.

Por isso mesmo, a educação superior é hoje um campo de estudos e pesquisas especializado, da mesma maneira que outras áreas sociais, como a saúde e a educação básica, com departamentos acadêmicos, revistas científicas e uma comunidade de especialistas que compartilham conhecimentos e se reúnem em seminários e congressos especializados. Todos os que participam de alguma maneira do ensino superior, como professores, administradores e estudantes, têm experiências e pontos de vista sobre o setor que podem ser muito valiosos; mas, para entendê-lo mais profundamente, é necessário levar em conta os trabalhos que essa comunidade profissional vem desenvolvendo há décadas em diversas partes do mundo².

O objetivo deste livro, que resultou de um curso dado na Cátedra da Unesco do Memorial da América Latina, em São Paulo, em 2013, é tratar de entender a realidade da educação superior na América Latina hoje, e suas perspectivas para o futuro, à luz do entendimento mais geral que existe sobre o setor. Este capítulo busca mostrar o pano de fundo do surgimento das universidades na Europa, suas principais linhas de evolução e transformação, seguido de uma breve apresentação da história e da evolução das universidades na América Latina, com suas características peculiares, tudo isso de maneira esquemática, ressaltando as ideias e questões mais chamativas, que podem ser aprofundadas pelos leitores fazendo uso

² Para uma visão geral do campo da educação superior como área de estudo e pesquisa, veja Balbachevsky, 1999; Schwartzman & Balbachevsky, 1993. Entre as principais revistas especializadas estão *Higher Education* (Springer), *Higher Education Policy* (Palgrave Macmillan), *The Journal of Higher Education* (The Ohio State University), *The Review of Higher Education* (Association for the Studies of Higher Education, Johns Hopkins University Press) e *Research in Higher Education* (Association of Institutional Research, Springer).

da bibliografia disponível. As expressões “educação superior” e “educação universitária” são muitas vezes tratadas como sinônimas, embora as universidades, no sentido mais restrito do termo, sejam somente uma parte de um conjunto mais amplo de instituições de educação pós-secundária existentes. Elas são, no entanto, as instituições de referência, e uma das questões centrais de toda análise do ensino superior consiste, precisamente, em entender em que sentido as diversas modalidades de ensino superior se aproximam ou afastam do que podemos entender por *educação universitária*, e quais as consequências de tal proximidade ou tal afastamento.

Este texto está dividido em duas partes. Na primeira, apresentamos uma visão bastante sintética do desenvolvimento das universidades, desde suas origens no Renascimento europeu até os tempos atuais, com atenção especial para as transformações na América Latina. Na segunda parte, examinamos as universidades como instituições, tratando de entender como funcionam, de que forma se relacionam com o ambiente mais amplo em que estão inseridas e que dilemas enfrentam no mundo atual, particularmente no contexto da América Latina e do Brasil.

Primeira Parte

Origens e transformações das universidades e da educação superior

As origens históricas das universidades contemporâneas

O ser humano é um ser cultural, no sentido de que depende, para viver em sociedade, de conhecimentos que são adquiridos de diversas formas, utilizados na vida prática, organizados em sistemas

de interpretação do mundo, e passados de geração em geração pelo exemplo, pela linguagem verbal e pela linguagem escrita. Em todas as sociedades, antigas e modernas, as pessoas se organizam para se alimentar, para proteger suas famílias e comunidades e, de alguma maneira, entender e interpretar a si mesmas e o mundo em que vivem. Em todas existem pessoas que, de distintas maneiras, ocupam posições de destaque e liderança para cumprir essas diferentes funções – como os caciques e pajés nas tribos mais primitivas, ou os generais, políticos, sacerdotes e intelectuais nas sociedades modernas. É preciso saber guerrear, lidar com as forças naturais e sobrenaturais que afetam os ciclos da natureza, a vida e a morte das pessoas, e ordenar a vida em comum, estabelecendo responsabilidades e direitos, punindo transgressões e administrando conflitos. Nas sociedades complexas, o exercício dessas funções requer competências e conhecimentos especializados que poucos possuem, os quais constituem um bem valorizado e protegido e são transmitidos de uma geração a outra. Sociedades complexas também requerem pessoas capazes de escrever e usar números para elaborar, documentar e fazer cumprir as leis, assegurar direitos e privilégios, administrar as safras, o comércio e os fluxos de dinheiro e, dessa forma, a cultura tradicional e oral se cristaliza em registros escritos. Muitas vezes uma só pessoa ou um único grupo assume diferentes funções – nas sociedades teocráticas, por exemplo, a mesma pessoa é rei, chefe militar e sacerdote; assim, ao ocupar as posições de maior poder e influência, acumula e controla a maior parte da riqueza disponível. Geralmente, no entanto, essas funções tendem a se diferenciar, muitas vezes com grupos ou castas se especializando em determinadas atividades, como os *cohanim*, na tradição judaica, que assumem as funções sacerdotais, ou, na Índia, as castas dos *brâmanes*, que assumem as funções sacerdotais, dos *kshatriyas*, as guerreiras, e dos *vaishyas*, as de comércio.

É nesse contexto que surgem as universidades, como instituições que se especializam no desempenho das atividades associadas ao

conhecimento, para o que buscam ganhar autonomia e se diferenciar das demais e, ao mesmo tempo, convencer os outros setores da sociedade de sua importância. Trata-se, em parte, de um processo de criação institucional, que estabelece formas de organização social antes inexistentes e, em parte, de mobilidade, pois são impulsionadas por pessoas que buscam, por meio delas, acesso a posições de prestígio e poder baseadas em seu conhecimento e sua cultura, superando as características de sangue, tribo ou casta com que nasceram. Não são instituições revolucionárias, que procuram romper a ordem e o poder estabelecidos; mas são, frequentemente, instituições reformistas, que tencionam abrir novos espaços, a fim de substituir o predomínio intelectual e moral do dogma e da autoridade tradicional pelo predomínio do conhecimento e da razão – e, dessa maneira, a posição social de seus professores e alunos. Para isso, elas preservam e buscam ampliar o acervo de conhecimentos filosóficos, técnicos e científicos disponíveis, mediante a elaboração intelectual e a pesquisa, e se dedicam a educar, capacitar e certificar pessoas para o exercício das profissões de maior prestígio e importância na sociedade. Ainda que elas possam pretender, não possuem, no entanto, o monopólio de tais funções, as quais são permanentemente disputadas por outros setores, como, por exemplo, a Igreja, os artistas, as empresas, as agências de governo e o setor militar. Não é, sempre, uma história brilhante – não faltam exemplos de instituições universitárias que se esclerosam, perdem sua autonomia intelectual, resistem ao desenvolvimento de novos conhecimentos e funcionam, sobretudo, como instrumento de consolidação da ordem estabelecida e da manutenção das desigualdades sociais. Mas, no que têm de melhor, as universidades sempre foram e continuam sendo parte da tradição iluminista de valorização da competência, do conhecimento e da liberdade de pesquisar e comunicar ideias e valores, tão importantes no passado quanto no presente.

As universidades clássicas, suas funções e seus desenvolvimentos

As primeiras universidades tiveram origem ao final do primeiro milênio nas antigas escolas monásticas e aquelas das catedrais da Europa medieval, que formavam sacerdotes para a Igreja católica. Contudo, aos poucos, elas foram se organizando como corporações independentes de professores e alunos, da mesma forma que outras corporações de ofício foram sendo constituídas nas cidades em formação, saindo do controle do clero e da nobreza feudal, as quais deram origem ao Renascimento. Com a decadência do Império romano, os monastérios haviam permanecido como o principal e quase único lugar em que se mantinham e se transmitiam as tradições de leitura e escrita dos séculos passados, sobretudo dos textos religiosos. À medida que as novas cidades-Estados e reinados foram se constituindo, aumentou a relevância do direito, ao lado da importância sempre presente da medicina. Em seu formato clássico, as primeiras universidades se dedicavam à formação inicial nas sete “artes liberais” – o *trivium* (gramática, lógica, retórica) e o *quadrivium* (geometria, aritmética, astronomia e música) –, as quais eram consideradas o embasamento fundamental para pessoas de cultura; a partir daí, havia a especialização em teologia, direito ou medicina. O ensino era feito em latim, e as fontes eram, sobretudo, autores clássicos gregos, romanos e medievais.

Outras sociedades e civilizações também tiveram, até mesmo muito antes, instituições de alta cultura, da Academia de Platão aos centros de formação dos mandarins chineses, que se preparavam para os concursos que selecionavam os altos funcionários do Império, passando por templos budistas e instituições islâmicas como a Universidade de Al-Azhar no Cairo. O que torna as universidades europeias especiais é que elas foram se organizando como corporações que, aos poucos, deixaram de ser meras dependências da Igreja